

ESTABELECENDO PARÂMETROS ENUNCIATIVOS PARA A AVALIAÇÃO DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ESTABLISHING ENUNCIATIVE PARAMETERS FOR EVALUATION OF PORTUGUESE SUPERVISED TRAINEESHIP REPORTS

Silvana Silva*

RESUMO: Constatamos que não há o estabelecimento de critérios de avaliação de estágios supervisionados em âmbito nacional. Cumpre a nós pensá-los a partir de pesquisas situadas em âmbitos regionais (DORNELLES, 2012). Este artigo tem como objetivo elaborar categorias analíticas para a avaliação de relatórios de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. Para realizar tal propósito, valemo-nos do aporte teórico da Linguística da Enunciação (FLORES e TEIXEIRA, 2005; FLORES et. al., 2009). Elencamos as categorias enunciativas que permitam demonstrar que o aluno se apropria do seu próprio planejamento durante a prática docente. Considera-se, portanto, o aspecto operacional da enunciação (ONO, 2007). Tomando os conceitos de Benveniste *de índices essenciais e procedimentos acessórios de indicação de subjetividade* (demonstrados em ARESI, 2011) e os conceitos *agenciamento, apropriação, compreensão, reconhecimento* (FLORES et. al, 2009), elaboramos uma reflexão metodológica. Apresentamos a análise de excerto da *Apresentação* de um (1) Relatório de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, orientado por mim no segundo semestre de 2012 na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé, RS. Temos como resultado que a *Apresentação* prima por uma progressiva ampliação do interlocutor, ‘tu-alunos’ para ‘você-alunos de EJA’, revelando então uma *Apresentação* bem-sucedida do Projeto de Ensino do Estágio.

Palavras-chave: linguística da enunciação; indicação de subjetividade; estágio supervisionado em língua portuguesa; avaliação.

ABSTRACT: We verified that there is no establishment of evaluation criteria of supervised traineeships nationwide. It behooves us to think of them departing from researches situated in regional areas (DORNELLES 2012). This paper aims to develop analytical categories for the evaluation of Portuguese supervised traineeship reports. To accomplish this purpose, we make use of the theoretical framework from the Enunciation Linguistics (FLORES and TEIXEIRA, 2005; FLORES et all, 2009.) We listed the enunciative categories that permit to demonstrate that the student appropriates of its own planning during the teaching practice. Therefore, it is considered the operational

* Professora na Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA. E-mail: ssilvana2011@gmail.com

aspect of enunciation (ONO, 2007). Taking Benveniste's concepts of essential indices and accessories nominating procedures of subjectivity (demonstrated on ARESI, 2011) and the following concepts: agency, appropriation, understanding, recognition (FLORES et. all, 2009), we developed a methodological reflection. Here is the analysis of an excerpt from the presentation of one (1) report of Portuguese Supervised Traineeship, advised by me on the second semester of 2012 at the Federal University of Pampa (UNIPAMPA), in Bagé, RS. We have as a result that the presentation excels for a progressive magnification of the speaker, 'thou- pupils' to 'you-YAE students', thus revealing a successful presentation of the Traineeship's Teaching Project.

Keywords: linguistics of enunciation; indication of subjectivity; supervised traineeship in English; evaluation.

CONTEXTUALIZAÇÃO: A NECESSIDADE DE PARÂMETROS PARA A AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Avaliar é, desde sempre, uma das tarefas mais árduas do campo da Educação. Para agravar mais esse quadro, não encontramos documentos que estabeleçam parâmetros de avaliação para os discentes em conclusão do Curso Superior, em nosso caso, parâmetros gerais para avaliar o aluno durante a realização dos estágios supervisionados obrigatórios às licenciaturas¹. A questão que nos move é a seguinte: como estabelecer critérios para avaliar a *conversão* do aluno-estagiário em professor? Dada a ausência de critérios gerais para tal questão, valemo-nos de princípios de ordem linguística para responder a tal questão. Tais princípios serão elaborados a partir da contribuição da Linguística da Enunciação, em especial o aspecto operacional da Enunciação (ONO, 2007). Por ora, apresentaremos uma revisão bibliográfica de alguns trabalhos sobre estágio supervisionado em ensino de línguas, procurando entrever neles critérios de avaliação (DORNELLES, 2012 e outros).

O PROFESSOR EM FORMAÇÃO: AVALIANDO ANÁLISES DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Silva (2012), organizador da obra *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura*, nos apresenta onze (11) pesquisas sobre as narrativas escritas dos estagiários de diversos cursos de Licenciatura

¹ O SINAES/2003 (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) visa à avaliação das instituições federais cuja principal política é a aplicação do ENC (Exame Nacional de Cursos). Verifique-se mais detalhes em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/sinaes.pdf>>. O ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), que integra o SINAES, tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. Em um exame do ENADE/LETRAS (2011), não constatamos a presença de nenhuma questão que versasse sobre a experiência do estágio supervisionado em língua portuguesa. Em linhas gerais, as questões centram-se em aspectos gerais de didática, teorias linguísticas e teorias literárias, isto é, o ENADE parece restringir a avaliação somente à formação dos primeiros anos do Curso de Letras. Mais detalhes, podem-se consultar as provas em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos-2011>>.

(Letras, língua portuguesa; Letras, literatura; Letras, língua inglesa, Matemática, História e Geografia) em universidades de diversos Estados do Brasil (Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul). Dentre estes onze trabalhos, interessa-nos mais detidamente aqueles em que entrevemos critérios de avaliação do supervisor de estágio e que estejam mais voltados para a área de linguagem/ensino de língua(s). Selecionamos três artigos: Dornelles (2012); Gonçalves e Ferraz (2012) e Brito (2012).

Os artigos serão apresentados de forma a que se tente responder às seguintes questões: 1) como distinguir experiências de estágio bem e mal-sucedidas?; 2) que critérios de avaliação subjazem a esta distinção?

No capítulo ‘Desafios da Didatização da Escrita e da Gramática no Estágio Supervisionado em Língua Materna’, de Clara Dornelles, pretende-se investigar o modo como uma estagiária de Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Pampa (UNI-PAMPA) didatiza a escrita e a gramática em aulas do 9º ano do Ensino Fundamental. Conclui a autora, também supervisora de estágio, que “os resultados indicam que a principal dificuldade enfrentada pela aluna foi de ordem metodológica e ocorreu no momento de orientação dos alunos para a reescrita”. (2012, p. 79). Observa, além disso, que a estagiária reproduziu algumas formas tradicionais de ensino de escrita, tais como o recurso do sublinhado nos textos, bem como também tentou algumas novas formas de ensino de gramática e escrita, a saber, valorização dos debates orais previamente às atividades de escrita e percepção de que o conteúdo gramatical estava sendo aprendido paulatinamente nas atividades de escrita e não somente nas atividades de análise linguística. Uma citação é importante, pois indica, para nós, claramente, o método de leitura de Dorneles do relatório de estágio da aluna:

Encontramos, no relatório da estagiária, alguns ‘sinais’ que demonstram que ela apreende a complexidade da escola; por exemplo, após as aulas de observação que precederam a regência, percebeu que muito do que planejara, ‘em teorias’, precisaria ser ‘modificado e adequado às novas realidades’ (p.5) Essas novas realidades se referem ao **(re)conhecimento** da sua turma e das dinâmicas desse universo escolar específico: os alunos têm diferentes níveis de maturidade, interessam-se por diferentes temas típicos da faixa etária; gostam de falar em situações espontâneas; estão acostumados com práticas e objetos tradicionais de ensino na aula de Língua Portuguesa; sua maior dificuldade na escrita é começar a escrever; tem dificuldade na leitura de textos longos; a leitura de textos com temáticas sociais pode suscitar a emergência de situações delicadas em sala de aula; (...) **Reconhecendo** esta complexidade da escola/sala de aula, a estagiária reconhece também que há outros elementos estruturantes da prática de ensino além da competência técnica. (DORNELLES, 2012, p. 69, grifos nossos).

Para Dornelles (2012), além do par conceitual *tradição/ inovação metodológicas*, o par conceitual *tecnicidade/complexidade da realidade escolar* influenciam sua avaliação do desempenho da estagiária. Logo, se o estagiário, durante sua prática, procurou mais inovar do que reproduzir e mais lidar com a complexidade do que se ater a técnicas, logo está apto a ser aprovado no estágio. Observamos que a capacidade de *reconheci-*

mento e (re) conhecimento de 'sinais' por parte do estagiário da realidade escolar bem como de reconhecimento e (re)conhecimento de 'sinais' do supervisor no relatório de estágio são características que conduzem positivamente à reflexão avaliativa da prática do estágio. No entanto, não percebemos no texto de Dornelles (2012) critérios linguísticos para o que chama de 'sinais'.

No capítulo 'Teoria acadêmica e prática profissional na Licenciatura em Letras', de Adair Vieira Gonçalves e Mariolinda Romera Ferraz, é analisada a relação entre o Estágio Supervisionado e a Grade do Currículo do Curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Constata-se que o 'ensino' é muito pouco abordado na grade teórico-prática do curso. A seguir, analisam relatórios de estágio. Para analisar os relatórios, os autores partem do referencial teórico do interacionismo sociodiscursivo postulado por Bronckart (2006). As categorias analíticas fundamentais do relatório são as seguintes: "1) autor: pessoa física – aluno-mestre da licenciatura em letras; 2) enunciador: pessoa social – aluno-mestre concludente da licenciatura em letras/professor em formação inicial; 3) destinatário: pessoa física – formador responsável pela disciplina de estágio supervisionado; 4) interlocutor: pessoa social – formador responsável pelo estágio supervisionado; 5) objetivo do texto: relatar ações desenvolvidas durante o estágio de observação e de regência, na educação básica. Comprovar o cumprimento do regulamento do estágio para obtenção do título de licenciado em letras. 6) circulação: esfera acadêmica; 7) conteúdo temático: exposição de aspectos teórico-metodológicos do estágio". Observamos que Gonçalves e Ferraz são mais objetivos do que Dornelles (2012) no reconhecimento de 'sinais' que conduzem à avaliação do trabalho estagiário. A seguir, os autores analisam uma atividade de transposição didática em três (3) relatórios de estágio. Vejamos a forma como os autores analisam duas atividades práticas de um dos relatórios:

“Encontramos a seguinte situação no relatório de estágio.

Hoje explicamos para eles o que são 'tipos e gêneros textuais', e trouxemos de exemplos um texto informativo. Foi explicado o que é um acróstico e pedimos para ele produzir um com a Copa do Mundo com Exemplo (relatório 1)

Entendemos que o conhecimento da distinção entre tipos e gêneros textuais nem sempre seja um conteúdo necessário ao aluno da educação básica. A nosso ver, enfatizar essa diferença é, na verdade, a manutenção de um ensino tradicional em que conceitos são mais importantes que o uso em si.

Outra situação destacada no Relatório 1 foi o trabalho realizado com o gênero Charge. Apresentamos o relato:

Hoje trabalhamos com o gênero Charge, explicamos o que é, o que aborda e para fazer interpretação de uma. Depois para descontrair, trouxemos uma Cruzadinha sobre a Copa do Mundo (Relatório 1)

Do relato depreende-se que as atividades realizadas com o gênero Charge enfatizam o contexto de produção. Elas desenvolvem a capacidade de ação dos alunos; estes passam a ter domínio de situações comunicativas em que a charge se torna um gênero produtor: contexto de crítica, de sátira, relativas a situações sociopolíticas; por exemplo, as quais, para produzirem efeito, precisam estar no conhecimento prévio

do leitor. Logo, pensamos, uma atividade adequada após a leitura de uma charge seria a produção de um texto do gênero argumentativo (artigo de opinião, carta argumentativa, por exemplo), em que o aluno pudesse expor sua opinião sobre o tema da charge. Todavia, os alunos-mestre utilizaram, em seguida, uma cruzadinha, gênero que, potencialmente, não contribui para a reflexão/argumentação provocada pelo primeiro gênero. Portanto, revela-se, na transposição didática, uma deficiência no entendimento dos objetivos do gênero bem como do trabalho nessa perspectiva”. (GONÇALVES e FERRAZ, 2012, p. 124-125).

Percebemos que, na avaliação do trabalho discente, além do par conceitual *tradição/ inovação metodológicas*, também presentes em Dornelles (2012), encontramos a díade *coerência/incoerência entre proposta e desenvolvimento da atividade* bem como *atendimento ou não atendimento das expectativas do supervisor/destinatário do estágio*. Entendemos que este último é de ordem eminentemente enunciativa, uma vez que enfatiza a relação intersubjetiva entre os interlocutores. É importante lembrar que a dimensão enunciativa é englobada já na própria teorização de Bronckart. Esta dimensão nos encoraja a buscar a proposição de critérios de ordem enunciativa para a avaliação de estágios supervisionados em língua portuguesa. A pergunta que de imediato surge é a seguinte: como se organizou esta relação de orientação? O supervisor estabeleceu critérios claros antes da prática de ensino propriamente dita ou esperou que o aluno já os tivesse em sua caminhada teórico-metodológico como aluno do Curso de Letras? Concluem Gonçalves e Ferraz que: “há absorção da teoria de gêneros textuais e dos documentos oficiais nos relatórios. Entretanto, é frágil a transposição didática”. (2012, p. 135).

No capítulo ‘Diários reflexivos de professores de Língua Inglesa em formação inicial: o outro que (me) confessa’, de Cristiane de Paula Brito, são colocadas as seguintes questões: “que dizeres/saberes vem à tona no discurso dos estagiários? Como os estagiários concebem o ensino/aprendizagem de língua estrangeira? Qual é a imagem de língua e de professor de língua estrangeira construída pelo sujeito professor de línguas em formação inicial, ao tomar a palavra para refletir sobre sua própria experiência de regência?” (2012, p. 139). Baseando-se em teóricos da Análise do Discurso, como Pêcheux e Orlandi, a autora investiga a(s) memória(s) discursiva(s) que sustenta(m) a tomada de posição do discurso. Toma um *corpus* composto de 87 diários reflexivos de Estágio Supervisionado em Língua Inglesa produzidos por 28 estagiários. Observa que, em tais diários, o estagiário toma o ‘outro’ como confidente, alguém com que pode desabafar sentimentos de descobertas e decisões. Nesta posição discursiva, o estagiário pode se eximir de responsabilidades sobre a aula. (2012, p. 148). Além disso, observa o ‘apego excessivo’ dos estagiários ao plano de aula, esse ‘lugar de completude’. Vejamos, mais de perto, a avaliação de um dos relatórios:

“Meu gesto de leitura se delineia no sentido de pensar a representação de interlocutor construída a partir da relação com o imaginário acerca do que considera apropriado, em termos de linguagem, em um diário reflexivo. Eis alguns recortes:

Então chegara o dia de dar aula sozinha... e ainda dar aula de inglês! E para completar a professora avaliando. Com certeza não é uma situação tão confortável né? Os slides ficarão tão lindos! Como uma boa teacher também pensei no homework! rrsrs (Diário 2)

Hoje darei minha primeira aula. Tudo certo com a preparação, a unidade é fácil, os exercícios também. Preparei atividades extras e para casa. Tecnicamente estou pronto exceto pelo fato de estar super nervoso e ansioso com a situação. Acho que é por que fica aquela preocupação de 'será que vão gostar da aula?', 'cumpri os objetivos e fui bem?' (diário 1).

O outro parece ser representado por alguém próximo, familiar, com quem se teria intimidade suficiente para não usar uma linguagem formal. Ocorre, portanto, o apagamento da imagem do outro avaliador, que exerce poder sobre o professor em formação inicial e o coloca numa situação não 'tão confortável', já que, afinal, está ali para ensinar o que é ser uma *boa teacher*. Apaga-se o *outro avaliador* e se projeta um outro 'eu' do sujeito, como se o professor estagiário falasse consigo mesmo (à semelhança dos diários pessoais, por exemplo). Assim, o interlocutor é o *outro do eu*". (BRITO, 2012, p. 146-147).

Observa-se que as categorias avaliativas são as seguintes: *dependência/autonomia do olhar do supervisor* e *formalidade/informalidade do relatório de estágio*. Para Brito (2012), um estágio bem-sucedido depende da constituição de um ponto de vista ou posição discursiva por parte do estagiário de relativo distanciamento em relação ao supervisor e à universidade ou, de outra, forma, pela constituição de um 'outro' que não seja simplesmente da ordem da 'confissão'. Conclui: "as análises apontam a necessidade de instigar o professor em formação inicial a tomar uma posição discursiva. (...) Não nego que o diário possa ser espaço de confissão. Há de haver uma confissão, mas trata-se daquela que (re) vela (a)o sujeito, que se lhe escapa, que resvala no momento mesmo do acontecimento, declarando que é sempre o outro que falta em mim". (p. 162). Constatamos que, assim como no texto de Dornelles (2012), Brito (2012) também não explicita objetivamente quais foram os critérios discursivos utilizados para demarcar, delimitar os diários reflexivos e propor sua análise.

A partir dessa revisão da literatura, podemos elencar os critérios de avaliação dos quais o supervisor pode se valer em sua avaliação dos estagiários:

1. tradição/inação metodológicas;
2. percepção técnica/complexa da realidade escolar;
3. coerência/incoerência entre proposta e desenvolvimento da atividade;
4. atendimento ou não atendimento das expectativas do supervisor/destinatário do estágio;
5. dependência/independência do olhar do supervisor;
6. formalidade/informalidade do relatório.

No item a seguir, a partir da Linguística da Enunciação, procuramos elaborar critérios de avaliação que incidam diretamente sobre os relatórios de estágio, de forma a avaliar objetivamente o trabalho do estagiário, isto é, o professor em formação inicial.

APORTE TEÓRICO-ANALÍTICO: A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO PARA A AVALIAÇÃO DOS RELATÓRIOS ESCRITOS DE ESTAGIÁRIOS

A Linguística da Enunciação tem, entre outras possibilidades, no dizer de Flores e Teixeira (2005, p. 93), “a vocação descritivista das teorias da enunciação, herdada de Saussure”. Além disso, a leitura elaborada por Ono (2007) para a noção de ‘enunciação’ em Benveniste revela a fertilidade da teoria enunciativa elaborada pelo autor, uma vez que é possível depreender cinco (5) aspectos dessa complexa noção teórica, quais sejam, aspecto vocal, aspecto operacional da conversão da língua em discurso, aspecto dialógico, aspecto da temporalidade, aspecto referencial. Para este trabalho, é relevante explorar o aspecto operacional, isto é, a passagem de critérios gerais, comuns aos estagiários (critérios de ordem linguística, do semiótico) à discursivização de tais critérios nos relatórios particulares de cada um dos professores em formação inicial (critérios de ordem semântica).

Inicialmente, faremos uma leitura de dois artigos de Benveniste, a saber, ‘A natureza dos pronomes’ (*Problemas de Linguística Geral I*), onde está posta a noção de ‘operacionalização da língua’, por meio da noção de *dêixis ou indicador de subjetividade* e o texto ‘Forma e sentido na linguagem’ (*Problemas de Linguística Geral II*), onde estão explicitadas as relações entre a *ordem semiótica e a ordem semântica da língua*. Em seguida, apresentaremos as definições de *agenciamento, apropriação*, apresentadas no Dicionário de Linguística da Enunciação (2009), as quais complementam o arcabouço teórico para a constituição da metodologia de análise.

Em ‘A natureza dos pronomes’, Benveniste mostra que a língua apresenta dois planos: 1) o plano da sintaxe, que contempla os signos nominais, referenciais, e o paradigma da terceira pessoa, a chamada não pessoa; 2) o plano do discurso, que contempla signos ‘vazios’, auto-referenciais. A este segundo plano, pertencem uma série de signos cuja ‘realidade’ é algo de muito singular. Nas palavras do autor, “*Eu só pode se definir em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal.*” (PLG I, p. 278). Esta série de signos, que refere exclusiva e unicamente à *instância de discurso*, é chamada de ‘indicadores’ e inclui várias classes, tais como pronomes pessoais, advérbios e locuções adverbiais. O *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009) assim define os *indicadores de subjetividade*:

definição. Formas disponíveis na língua utilizadas para convertê-la em discurso, cujo emprego remete à enunciação. **Nota explicativa.** Os indicadores de subjetividade são formulados a partir da discussão de *dêixis*, redefinida por Benveniste como

contemporânea da situação de discurso. Esses indicadores pertencem a várias classes de palavras – pronomes, verbos, advérbios, etc. – podendo ser divididos, de acordo com a noção que expressam, em indicadores de pessoa, tempo, lugar, objeto mostrado, etc. Sua condição de autorreferenciação deve-se ao fato de sua existência estar ligada à tomada da palavra, cuja realidade é a realidade do discurso” (FLORES et. al, 2009, p. 140).

Aresi (2011), em estudo sobre a noção de indicador na obra benvenistiana, observa que há ampliação da concepção de indicador de subjetividade, desde o texto ‘A natureza dos pronomes’ (1956), passando por ‘A forma e o sentido da linguagem’ (1967), e culminando em ‘O aparelho formal da enunciação’ (1970). O autor pergunta-se: a que se refere a ideia de *índices específicos e procedimentos acessórios* da conversão da língua em discurso? Se os *índices específicos* incluem as clássicas designações de locutor/interlocutor, tempo e espaço, os *procedimentos acessórios* incluem todos os recursos da língua que passam pela atualização da língua pelo locutor. Conclui:

É o todo da instância de discurso que está em jogo: o ato, com referência aos interlocutores e à situação em que ele ocorreu, bem como os caracteres formais do enunciado e seu agenciamento, sua sintagmatização. Nesse todo estão incluídos todos os níveis da análise linguística (entonação, escolha e formação lexical, organização sintática etc.), o que revela o perfil radicalmente transversal da enunciação em relação aos níveis da língua. Perceber isso, portanto, é levar em conta não só os índices específicos, mas também (e sobretudo) os procedimentos acessórios da enunciação. É levando todos estes aspectos em consideração na análise que podemos ver o sentido de cada ato enunciativo. (ARESI, 2011, p. 275).

Oferecendo uma resposta provisória para a questão inicial deste item, qual seja, *como os estagiários singularizam suas escritas dos relatórios de estágio convertendo-se em professores em formação inicial ou como ‘banalizam’ suas escritas permanecendo na condição de ‘estagiários’?*, é possível dizer que devemos localizar os *índices específicos de pessoa, tempo e lugar* e os *procedimentos específicos de recursos sintáticos* em cada ato enunciativo que constitui os relatórios de estágio e reconhecer, nesse sistema de indicação, se eles apontam tal escrita no sentido de um relatório autônomo, coerente, formal, inovador ou no sentido de um relatório dependente, incoerente, informal e tradicional, ou na direção da mescla de algumas dessas características.

Com o objetivo de esclarecer a delimitação de unidades de análise e a relação entre indicação de subjetividade e domínio de aplicação, apresentamos breve retomada do artigo ‘A forma e o sentido na linguagem’ (*Problemas de Linguística Geral I*). Como Benveniste percebe a noção de ‘forma’? Em *A forma e o sentido da linguagem (Problemas de Linguística Geral II)*, atribui um ‘duplo sentido’ ao termo (no sentido mais literal de ‘duplo sentido’, qual seja, o de indecibilidade de único posicionamento): 1) forma no sistema semiótico; b) forma no sistema semântico. Benveniste (1989, p. 221) faz um alerta: “ a presente exposição é um esboço para situar e organizar estas noções gêmeas de sentido e forma, e para analisar suas funções fora de qualquer pres-

suposto filosófico”. Para o autor, ‘forma e sentido são noções gêmeas’, isto é, noções que nascem juntas mas que percorrem caminhos diferentes.

Em virtude da impossibilidade de enumerar, *a priori*, as funções da linguagem, Benveniste parte da noção de signo. Considerando a forma do signo, a saber, o significante, Benveniste distingue dois planos: a análise fonêmica (significante) e a análise semiótica (significante em relação ao significado). Sobre a análise semiótica, atrelada ao plano do significado, basta dizer que a língua está sujeita a análises da *estrutura formal do significante*. Interessa-nos sobretudo o signo no plano do significado, “é no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua” (PLG II, 1989, p. 227). Logo, no sistema semiótico, é suficiente dizer que a ‘forma’ do signo está sujeita à *análise de sua estrutura formal* e que o ‘sentido’ do signo é determinado por sua *existência* ou inexistência no uso feito ou ignorado pela comunidade falante. Considerando que ‘forma e sentido’ são noções gêmeas, Benveniste parece nos informar que uma análise da estrutura formal só tem sentido quando determinados signos são aceitos pela comunidade falante. Em nosso caso específico, a relação interlocutiva entre professor e aluno em situação de ensino de escrita, as ‘palavras’ ou ‘signos’ utilizados pelo professor só fazem sentido de serem analisados se estiverem sendo usados para estabelecer uma alocação com os alunos.

Benveniste, a seguir, afirma que “há para a língua duas formas de ser língua no sentido e na forma. Acabamos de definir uma delas: a língua como semiótica; é necessário justificar a segunda, que chamamos de língua como semântica”. (PLG II, p. 229). Essas duas formas indicam as “modalidades fundamentais da função linguística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica”. (PLG II, p. 229). Assim, embora seja impossível definir *a priori* as funções da linguagem, é possível dizer que as duas modalidades fundamentais, significar e comunicar, são ambas imprescindíveis para o emprego da língua. Para o autor, é apenas no nível semântico que se pode pensar a sociedade, pois “o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência”. (PLG II, p. 229). Se é no âmbito da semiótica que a indicação da subjetividade deve ser *analisada, descrita*; é somente no âmbito da semântica que ela pode *servir* para orientar o desenvolvimento da escrita.

Se a unidade do semiótico é o signo, qual é a unidade da semântica? A frase. Segundo Benveniste (1989, p. 229), trata-se do ‘intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística do pensamento (...) a semântica resulta da atividade do locutor que coloca a língua em ação”. (Benveniste, 1989, p. 229-30). Ono (2007, p. 70), ao fazer um estudo da palavra ‘frase’ em diversos textos de Benveniste, constata que há três ‘noções associadas’ a ela, a saber, *atualização, predicação e realização*. Esclarece, com base no artigo de 1966, ‘A forma e o sentido na linguagem’, ora em exame, que *sintagmatização, predicação e atualização* são operações realizadas ao mesmo tempo

pelo locutor (ONO, 2007, p. 70). A *realização* depende do tempo linguístico, isto é, é da conversão da língua em discurso; logo, *sintagmatização*, *predicação* e *atualização* são operações necessárias para a *realização* da frase. A partir dessas afirmações, é possível fazer uma reflexão sobre as noções de ‘forma’ e ‘sentido’. A forma da frase é o *sintagma*; o sentido da frase é a *ideia* que exprime, ou seja, “a frase é cada vez um acontecimento diferente (...) ela não pode, sem contradição de termos, comportar emprego; ao contrário, as palavras que estão dispostas na cadeia e cujo sentido resulta precisamente da maneira em que são combinadas não tem senão empregos”. (BENVENISTE, 1989, p. 231). Daí constatamos que a ‘forma’ da frase está a serviço do ‘sentido’ da frase, ou, em outras palavras, que a ‘forma’ da frase é o ‘sentido’ da frase.

Como apreender o ‘sentido’ da frase, esta unidade de análise semântica? É importante explicitar dois conceitos correlatos: *agenciamento* e *apropriação*. Após a explicitação destes dois conceitos, acreditamos ter estabelecido um arcabouço teórico suficiente para compor a metodologia de análise de relatórios de estágio. Vejamos:

Agenciamento.

Definição: processo de organização sintagmática pelo sujeito.

Nota explicativa: Através do agenciamento, o sujeito organiza as formas da língua para transmitir a ideia a ser expressa em seu enunciado.

Termos relacionados: apropriação, referência, sintagmatização.

(FLORES et. al, 2009, p. 47)

Apropriação.

Definição: processo de uso da língua pelo sujeito por meio da enunciação.

Nota explicativa: Benveniste ressalta que o processo de apropriação ocorre com a tomada, por inteiro, da língua. É o estabelecimento pelo sujeito de relações com as formas da língua, de modo a selecionar aquelas que forem compatíveis com a ideia a ser expressa. (...)

Termos relacionados: atualização, língua, subjetividade.

(FLORES et. al, 2009, p. 49)

Constatamos que a *apropriação* do estagiário das orientações do supervisor culmina no *agenciamento* de ideias marcadas no relatório de estágio. Reconhecer, então, a relação entre orientação e prática revelada na escrita constitui parte do trabalho para o estabelecimento de uma avaliação justa do trabalho do professor em formação inicial. No item abaixo, apresentamos as categorias metodológicas para a análise de um relatório de estágio.

METODOLOGIA DE ANÁLISE: ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DA ESTRUTURA DO RELATÓRIO E RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Tomando a ideia de ‘signo’ como unidade semiótica e a ideia de ‘frase’ como unidade semântica, entendemos que tais conceitos se concretizam no relatório de estágio supervisionado, respectivamente, pela estrutura do relatório de estágio, isto é, as seções exigidas pelo supervisor do trabalho e pelo enunciado efetivamente escrito pelo estagiário em relação ao universo discursivo da escola (dimensão referencial da frase) e a seu próprio desempenho (dimensão auto-referencial da frase).

É na ‘frase’ que reconhecemos a indicação de subjetividade por meio dos índices essenciais de pessoa (eu-tu, em que ‘eu’ designa o estagiário e ‘tu’ a imagem do supervisor projetada no relatório), tempo e espaço e os procedimentos acessórios de funções sintáticas, os quais podem se organizar de forma a atender ou não os quatro entre os seis² critérios de avaliação do relatório de estágio (a saber, inovação metodológica, percepção da complexidade da escola, coerência entre planejamento e desenvolvimento das atividades). Em sua plenitude, esses quatro critérios revelam que o ‘eu’ projetam para além de ‘tu’ que deve ser ‘agradado’, um ‘ele’, isto é, um terceiro ‘eu/tu’ que avaliaria o trabalho como inovador, coerente, formal e independente.

Dessa forma, a indicação de subjetividade é o fator que garante precisão linguística na avaliação da prática do estagiário, marcada no relatório de estágio. A questão central a ser respondida é a seguinte: a) em que medida o ‘eu’ agencia signos que atendem às expectativas gerais do supervisor marcadas na estrutura do relatório e que revelam apropriação plena de inovação metodológica?

ANÁLISE

O relatório de Estágio Supervisionado em análise refere-se ao componente curricular chamado *Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II* e pertence à Gabrielli Dias³, aluna da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, Rio Grande do Sul. A aluna realizou seu Estágio na cidade de Pinheiro Machado, Rio Grande do Sul, em turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. O relatório contém 93 páginas (incluindo anexos), intitula-se *O valor das raízes: gramática, língua e cultura do Rio Grande do Sul* e apresenta a seguinte estrutura: 1) Conteúdo/Assunto; 2) Eixos articuladores; 3) Apresentação; 4) Objetivos gerais do Projeto de Ensino; 5) Série; 6) Materiais; 7) Dinâmica; 8) Possibilidades de modificação no plano inicial; 6) Referências bibliográficas; 7) Diários reflexivos das observações das aulas da professora regente; 8) Descrição da escola com fotos; 9) Planos de aula (contendo data, escola, série,

² O segundo, terceiro, quarto, quinto e sexto critérios, a saber, percepção da complexidade da escola, formalidade da escrita, coerência entre plano e aula, independência do supervisor e atendimento das expectativas do supervisor não serão analisados neste texto.

³ A aluna assinou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. De qualquer forma, o nome apresentado é de caráter fictício.

nome do estagiário, conteúdo, objetivo geral, objetivos específicos, estratégias, recursos, avaliação, observações, anexos com exercícios e textos); 10) Diários Reflexivos das Práticas de Sala de Aula; 11) Anexos (documentos comprobatórios do estágio e fotos das atividades). É necessário informar ainda que por ocasião do término do Estágio Supervisionado, isto é, em dezembro de 2012, a nota auferida ao trabalho da aluna Gabrielli foi 9,0. A nota do Estágio Supervisionado é composta de três elementos: 1) Pertinência teórica e adequação escolar do Projeto de Ensino (4 pontos); 2) Qualidade de uma atividade de Prática de Sala de aula supervisionada pela professora em visita técnica à escola (2 pontos); 3) Completude, Pontualidade de Entrega e Adequação do Relatório de Estágio Supervisionado (4 pontos).

Deste relatório de estágio, selecionamos uma seção. Selecionamos o item 'Apresentação' para verificar o critério *inovação metodológica*. Tal seção foi escolhida em função de acreditarmos ser possível nela vislumbrar uma espécie de 'resumo' da proposta global de ensino elaborada pela estagiária. O percurso metodológico será o seguinte: 1º) destaque das frases, no sentido de *frase* presente em Benveniste (PLG I, referido acima); 2) identificação e análise dos índices essenciais de pessoa-tempo-espço e dos procedimentos acessórios das funções sintáticas (ARESI, 2011, referido acima); 3) análise global da relação entre frase e texto (considerando a relação entre frase e discurso, presente em 'A semiologia da língua, Benveniste, PLG II).

A INDICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA 'APRESENTAÇÃO' DO RELATÓRIO: AVALIANDO A PRESENÇA DA INOVAÇÃO METODOLÓGICA

Vejamos a 'Apresentação' do Relatório. Excluímos trechos de identificação precisa da escola.

1. *Perceber que não é a língua que muda com o tempo é os falantes que em sociedade que mudam a língua com o passar do tempo.* (Marcos Bagno)
2. A língua varia por isso muda. Tanto em relação com a língua falada como com a língua escrita bem como a língua no regionalismo que será o foco dos textos a serem explorados durante o Estágio II. Por isso a linguagem terá uma atenção especial, mas com uma abordagem simples para um maior entendimento da turma.
3. O gênero abordado será música, poesia nas letras das canções nativistas e tchê music. Introduzir a diferença e a interligação entre o que é: tradição, tradicionalismo, nativismo e regionalismo e a diferença nas músicas também entre nativistas e tradicionalistas.
4. A proposta do Projeto Cultural é desenvolver a oralidade, a partir da exploração da cultura do Sul, com base em parte do histórico da Califórnia da Canção Nativa, que ao longo dos anos, desde 1971, envolve a cultura e a

historia do Sul do Brasil, por temas ao longo dos anos. A sequencia didática será apresentada aos alunos no primeiro dia de aula.

5. A poesia das letras servirão para explorar os Verbos na Música e poesia e em contra partida da cultura, as rixas entre nativismo e Tché Music e observação na linguagem regional das letras das canções.
6. Ensaiar e apresentar trovas a comunidade escolar do noturno como produto final da valorização da cultura do sul, desenvolvendo a oralidade do grupo da turma de EJA.

Neste texto, localizamos 6 frases. Em cada uma delas, localizamos índices específicos de pessoa-tempo-espaço bem como procedimentos sintáticos específicos.

Na primeira frase, os índices de pessoa são apresentados ‘em ausência’, trazendo um enquadre da ordem da não pessoa, no caso, o sociolinguista Marcos Bagno. Nesta frase, há o procedimento sintático da negação (*Perceber que não é a língua que muda com o tempo*) seguido da afirmação (*é os falantes que em sociedade que mudam a língua com o passar do tempo*). Logo, o sintagma ‘os falantes’ é colocado em destaque.

Na segunda frase, há alguns índices de pessoa-tempo- espaço, ao longo da frase: ‘Estágio II’, ‘atenção especial’, ‘abordagem simples’ e ‘maior entendimento da turma’. Observamos que há, na linearidade sintagmática da frase, uma progressiva aproximação do redator do relatório com seu próprio dizer (passagem do ‘ele’ ao ‘eu’). Quanto aos procedimentos sintáticos, observa-se que os dois primeiros períodos são constituídos de frases asseverativas curtas e o terceiro período é constituído de duas frases com o conector *mas*, cuja presença assegura a presença do ‘eu’.

Na terceira frase, há um retorno às formas ‘em ausência’, trazendo enquadre da ordem da não pessoa. Nessa posição, o estagiário, que já revelara uma preocupação com ‘a turma’, neste momento, volta sua preocupação para o ‘conteúdo’. Esta preocupação transparece até o final da ‘Apresentação’, na quarta, quinta e sexta frases. No final da quarta frase, observamos um movimento de aproximação ao ‘eu-tu’, no seguinte trecho “A sequência didática será apresentada aos alunos no primeiro dia de aula”. No final da frase seis, há uma ampliação do ‘tu’, isto é, o interlocutor, pois se observa a passagem da denominação ‘alunos’/‘turma’ para ‘turma de EJA’. Além disso, há um desdobramento na frase seis da díade *eu-tu* em duas díades, que passa da relação *professor-alunos da turma* para *alunos da turma-alunos de outra turma*. Neste desdobramento, o ‘tu’ inverte-se em ‘eu’.

Quanto aos *procedimentos acessórios*, relativos às funções sintáticas, observamos o uso de frases asseverativas curtas. Em especial nas frases cinco e seis, há um esforço de concisão e objetividade ainda maior, chegando quase ao uso da frase nominal, por meio de um sujeito marcado por verbo na forma infinitiva impessoal. Segundo Flores et. al (2008, p. 98-99, grifos nossos), “diz Benveniste que a frase nominal: 1) liga-se sempre ao **discurso direto**; 2) serve sempre a asserções de caráter geral, sentenciosas. A

frase nominal quer convencer, propõe uma relação intemporal, por isso permanente, agindo com um argumento por autoridade; **supõe o discurso e o diálogo**, mas não comunica um dado de fato”. Ainda que se tenha como resultado a construção sintática de ‘frase fragmentada’, o efeito enunciativo gerado é o da preocupação de mostrar que se está trabalhando com ‘a linguagem regional’ (frase 5) com conseqüente ‘valorização da cultura do sul’ (frase 6), conforme enunciado na frase 1. Assim, a ‘quase’ frase nominal (frase 6) está vinculada a um ‘suposto’ discurso direto tal como enunciado na frase 1 (citação do sociolinguista Marcos Bagno). A estagiária coloca sob a forma de premissa impessoal, inquestionável o aparato teórico da sociolinguística, marca da qualidade de *inovação metodológica*.

Os mecanismos de enunciação de não pessoa (‘ele’) marcados de forma alternante e mais enfática do que os mecanismos de enunciação de pessoa subjetiva (‘eu’) servem para um duplo propósito: 1º) garantir a presença do elemento ‘terceiro’, qual seja, a aula, a apresentação, a cultura; 2º) servir de lastro para a ampliação da dimensão do interlocutor, que parte de um ‘tu’ restrito à presença do ‘eu-estagiário’ passando a ‘vocês, turma do EJA’. Em linhas gerais, a ‘Apresentação do Relatório de Estágio II’ garante a característica da *inovação metodológica*, pois, como sabemos, as práticas tradicionais de ensino de língua são voltadas para uma relação restrita de ‘aprendizagem’ da língua baseada na relação restrita eu-tu. De certa forma, a aluna compreende que trabalhar em perspectiva sociolinguística também é uma forma de atingir a *inovação metodológica*. No entanto, para que se possa ratificar a qualidade de inovação metodológica far-se-ia necessário analisar outras seções do Relatório de Estágio, em especial os Diários Reflexivos das Observações e os Diários Reflexivos das Práticas⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CATEGORIAS ANALÍTICAS DE ORDEM ENUNCIATIVA PERTINENTES AO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Concluída a análise, é hora de verificar que categoria ou categorias analítico-enunciativas são pertinentes para a avaliação do Relatório de Estágio. Como vimos, a literatura especializada em Letramento do Professor já nos indicara seis (6) características de um Relatório de boa qualidade. Nesse sentido, acreditamos que a Linguística da Enunciação de Émile Benveniste, em especial o conceito de *indicação de subjetividade*, possa nos oferecer mais parâmetros avaliativos.

Na análise da ‘Apresentação’, chama-nos atenção o fato da ampliação da instância do ‘tu’ (interlocutor) de ‘tu-alunos’ para ‘vocês-turma de EJA’. Assim, a *ampliação - ou redução - da presença do tu no Relatório* pode se constituir, a nosso ver, em um sétimo critério de aferição da qualidade do Relatório de Estágio. Este critério diz respeito aos *índices essenciais da indicação de subjetividade*. Quanto aos *procedimentos acessórios*, re-

⁴ Para a pesquisa sobre os Diários Reflexivos, sugere-se ao leitor a consulta de Zabalza (2004).

lativos às funções sintáticas, cremos ser prematuro fazer qualquer afirmação de natureza categórica. Seria necessário analisar outras seções do Relatório de Estágio, tarefa que deve ser executada posteriormente. De qualquer forma, considerando as grandes funções sintáticas, a saber: asseveração, injunção e interrogação, percebemos que a forte presença da *asseveração, alternando movimentos de expansão em frases com conectores e de redução em frases nominais* é um indicativo de qualidade do Relatório de Estágio.

Gostaria de encerrar este artigo dizendo que as relações entre as áreas da Linguística da Enunciação e da Linguística Aplicada/Letramento do Professor estão em fase de criação. Nossa tese de doutoramento (Silva, em preparação), em fase de finalização, será, talvez, um dos frutos dessa articulação que, a nosso ver, está apenas começando.

REFERÊNCIAS:

ARESI, F. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVel*, v. 9, n. 16, 2011, p. 262-275. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_os_indices_especificos.pdf>. Acesso em: 01/09/2013.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.

_____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1990.

BRITO, C.C. P. Diários reflexivos de professores de língua inglesa em formação inicial: o *outro* que me confessa. In: SILVA, W. R. *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 139-164.

DORNELLES, C. Desafios da didatização da escrita e da gramática no estágio supervisionado em língua materna. In: SILVA, W. R. *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 53-82.

FLORES, V.; SILVA, S.; LICHTENBERG, S. WEIGERT, T. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

GONÇALVES, A.V.; FERRAZ, M. R.R. Teoria acadêmica e prática profissional na licenciatura em Letras. In: SILVA, W. R. *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 109-138.

ONO, A. *La notion d'énonciation chez Benveniste*. Paris: Limoges, 2007.

SILVA, S. *Língua, homem e cultura: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita*. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. UFRGS. (em preparação).

ZABALZA, M. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em 19/11/2014.

Aprovado em 19/04/2014